

RESENHA

FUNARI, PEDRO PAULO ABREU; CARLAN, CLAUDIO UMPIERRE; DUPRAT, PAULO PIRES. *ARQUEOLOGIA E ECONOMIA ANTIGA NO MEDITERRÂNEO: DAS ORIGENS À DOMINAÇÃO ROMANA*. SÃO PAULO: FONTE EDITORIAL, 2019. 176P. ISBN: 978-85-80330-00-3.

Filipe N. Silva¹

Embasados por um lastro bibliográfico de dois séculos², os estudos sobre a Economia da Antiguidade permanecem, ainda nos dias atuais, sob amplo desenvolvimento e inovação mundo afora. Parte significativa dessas investigações ficou marcada pelo embate entre as tradições interpretativas denominadas *primitivistas* e aquelas conhecidas como *modernistas* (REMESAL, 1998. p. 183; REMESAL, 2009. p. 02; MORRIS, 2003. p. 07-08).

Apoiados sobre os estudos de Karl Bücher, os primitivistas, em geral, propuseram uma ruptura entre as economias antigas e a (moderna) capitalista. Já posteriormente, em sua obra *The Ancient Economy* (1973), Moses I. Finley argumentava que a economia dos antigos gregos e romanos teria sido marcada por limitações produtivas, seria voltada apenas à subsistência (Cf. MORRIS, 2003. p. 07) e tampouco teria conhecido “(...) *um sistema econômico que fosse uma enorme conglomeração de mercados*

¹ Doutorando em História. IFCH/Unicamp. E-mail: filipe.hadrian@gmail.com

² Conforme demonstrado por Ian Morris (2003. p.07), a importante obra de August Böck sobre a economia ateniense teria sido publicada no ano de 1817.

interdependentes (FINLEY, 1986. p. 26)”. Ao salientar a proeminência dos empecilhos políticos que impediam o desenvolvimento da economia antiga, Finley (1973; 1986) rejeitou a categoria de *classe social* (cunhada com o intuito de analisar a economia capitalista) e empregou, em muitos de seus estudos, o conceito weberiano de *estamento* (MORRIS, 2003. p.13). Tal escolha, presumimos, também representa uma ruptura com a perspectiva modernista sobre a economia da Antiguidade.

Influenciados pela produção intelectual de Eduard Meyer (que refutou os argumentos oferecidos por Karl Bücher), os chamados *modernistas* ofereceram interpretações históricas que comparavam as economias antigas às aquelas experienciadas no capitalismo moderno, sobretudo entre os séculos XIX e XX de nossa era (GAIA, 2010. p. 88). Na década de 1930, a perspectiva modernista foi reforçada por um dos principais estudiosos da Antiguidade no século XX: Mikhail Ivanovic Rostovtzeff (1870-1952). Em sua principal obra, *The Social and Economic History of the Roman Empire* – publicada pela primeira vez no ano de 1926 -, Rostovtzeff (1957. p. 54-66) lança mão de conceitos como os de “burguesia”, “indústria” e “proletariado” para denominar a experiência histórica da dominação romana sobre o Mediterrâneo. Para o eminente historiador russo, aliás, a paz instalada pelos romanos permitiu, entre outras coisas, a proeminência de “investidores capitalistas” no primeiro século do período imperial (ROSTOVTZEFF, 1957. p. 54).

Apesar do criticado viés modernista de sua obra, Rostovtzeff (1957) também ficou reconhecido pelo uso da documentação arqueológica nos estudos sobre a Antiguidade (BOWERSOCK, 1974. p. 20). É precisamente por meio da cultura material antiga que as investigações contemporâneas têm buscado caminhos alternativos para a compreensão da economia da Economia da Antiguidade para além da aludida contenda entre *modernistas*

x *primitivistas*. Alguns desdobramentos dessa nova perspectiva, aliás, podem ser observados no recente livro *Arqueologia e Economia no Mediterrâneo: das origens à dominação romana* (2019), de autoria dos professores Claudio Umpierre Carlan (UNIFAL/MG), Paulo Pires Duprat (Doutorando em História pelo IFCH/Unicamp) e Pedro Paulo A. Funari (DH/Unicamp).

Redigida em uma linguagem proveitosa a estudantes iniciantes ou àqueles já experientes nos estudos da Antiguidade, a obra *Arqueologia e Economia no Mediterrâneo* está estruturada sobre três partes principais. A primeira delas (p. 21-64) delimita o objeto de estudo, o aporte conceitual e o recorte adotados no livro. Após aludir à historicidade dos conceitos antigo e moderno de *economia*, a narrativa propõe uma reconstituição histórica sobre a relação economia x sociedade no Mediterrâneo Antigo, da época de surgimento das *poleis* à consolidação da hegemonia romana sobre esse território. Nesse percurso, o manejo de um extenso *corpus* documental composto por distintos textos antigos e artefatos arqueológicos (tais como as moedas e contentores cerâmicos de diversas épocas) evidencia as amplitudes temática e cronológica pretendidas pelos autores.

Compreendida entre as páginas 64 e 137, a segunda parte do livro versa sobre a produção, consumo e comércio de três itens fundamentais à alimentação das populações do Mediterrâneo Antigo: o vinho, o azeite e os condimentos piscícolas (*garum*). A análise de excertos das obras de Plínio, Catão, Columela, entre outros, aproxima-nos, ainda que de maneira parcial, da percepção e dos valores que os próprios antigos possuíam acerca desses produtos: a crença nas propriedades medicinais e culinárias das salações de peixes (p.70), bem como a explicação mitológica para o surgimento das oliveiras (p.108), por exemplo, só chegou à posteridade devido ao registro desses escritores. Os usos quotidianos do azeite, as proporções de água para

o consumo do vinho, além das propriedades do *garum*, ademais, também são discutidos a partir desse *corpus* documental textual. Como o tema da distribuição desses produtos integra as narrativas antigas de maneira apenas periférica (p.36), a análise tipológica e epigráfica das ânforas distribuídas pelo Mediterrâneo é apresentada pelos autores como um caminho alternativo e inovador para a compreensão da Economia Antiga a partir das mercadorias mencionadas.

A terceira parte do livro (p. 137-159), por fim, trata da História Econômica da Antiguidade a partir das moedas. Após oferecer uma reconstituição histórica acerca de sua idealização nas antigas cidades mediterrânicas, os autores também apresentam especificações metodológicas fundamentais à utilização da documentação numismática como fonte histórica. A análise dos símbolos, inscrições e representações iconográficas das moedas ocupa um papel de destaque nessa empreitada e coloca em destaque, também, a feição política (e não apenas econômica) desses objetos. Repletas de referências a divindades pagãs, as cunhagens dos imperadores Domiciano e Constantino são descritas e analisadas à luz de suas reformas monetárias, e consolidam, à guisa de conclusão, a importância das moedas, também, nas investigações sobre a Antiguidade Tardia.

A oportuna publicação de *Arqueologia e Economia Antiga no Mediterrâneo* oferece um panorama atualizado das principais investigações fontes e modelos explicativos, nacionais e estrangeiros, sobre a economia antiga. Somada ao caráter pioneiro, no Brasil, da utilização do material anfórico como fonte primária, tal característica converte este livro em leitura fundamental nos cursos de graduação em História, Arqueologia, Economia, Ciências Sociais e áreas afins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOWERSOCK, G.W. "The Social and Economic History of the Roman Empire" by Michael Ivanovitch Rostovtzeff. *Daedalus*. Vol.103, N°.01. Twentieth-Century Classics Revisited. 1974. p.15-23.
- FINLEY, Moses Israel. *The ancient economy*. London: Chatto & Windus, 1973.
- FINLEY, Moses Israel. *A Economia Antiga*. Porto: Editora Afrontamento, 1986.
- GAIA, Deivid Valério. Questões para o Estudo da Economia Antiga: Notas para uma discussão. *Revista Mare Nostrum*. Universidade de São Paulo. Ano 01, Vol.01. 2010. p.84-99.
- MORRIS, Ian. *Prólogo*. In: FINLEY, Moses Israel. *La economía de la Antigüedad*. Ciudad do México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- REMESAL, José. "Baetican olive oil and the Roman economy". In: KEAY, Simon (Ed). *The Archaeology of Early Roman Baetica. Journal of Roman Archaeology Supplementary Series*. Book 29. Portsmouth/Rode Island, 1998. p.183-199.
- REMESAL, José. "Interdependencia Provincial en el Imperio Romano: un modelo explicativo de la economía romana". *Actas y Comunicaciones del Instituto de Historia Antigua y Medieval*. Buenos Aires: Volumen 05, 2009.
- REMESAL, José. *La Bética en el concierto del Império Romano*. Discurso leído em 13 de Marzo de 2011. Madrid: Real Academia Española de História, 2011.
- ROSTOVTZEFF, Mikhail Ivanovitch. *The Social and Economic History of the Roman Empire*. 2nd Edition. Oxford: Clarendon Press, 1957.
- ROSTOVTZEFF, Mikhail Ivanovitch. *História da Grécia*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1983.

